

Crítica // **A semente do fruto sagrado** ★★★★★**Democracia como sonho**

Ricardo Daehn

É do macro para o micro que o diretor iraniano Mohammad Rasoulof, perseguido pelo governo dos muçulmanos, afunila sua afiada capacidade de observação e denúncia. No mais novo filme, depois de sequenciados prêmios na mostra Um Certo Olhar (em Cannes), Mohammad conquistou o prêmio especial do júri. A vitória fortalece o ódio que autoridades nutrem pelo artista.

Há quatro anos, o diretor faturou o Urso de Ouro no Festival de Berlim, justo ao tratar do irônico tema de *Não há mal algum: a*

*luta por liberdade*. No novo filme, que competiu no recente Globo de Ouro de melhor filme internacional (a produção é germânica, com coprodução francesa e iraniana), tudo se dá a partir da mutilação sofrida pela amiga de duas moças (as irmãs Sana, papel de Setareh Maleki, e Rezvan, personagem vivida por Mahsa Rostami), chamada Sadaf.

Numa Teerã convulsiva, com caótico cenário de defesa da liberdade, especialmente para as mulheres, os celulares se tornam uma arma, com amplo registro de todas as atrocidades. Najmeh (Soheila Golestani), a mãe das moças, a princípio é uma

MARES FILMES



*A semente do fruto sagrado: observação e denúncia*

mera observadora pacata e desinteressada. Iman (Mirsagh Zareh), o patriarca, é o agente que implanta, no seio familiar, toda a desconfiança que assola o Irã em escala nacional. Ele, inicialmente,

inofensivo e condescendente, não exala o mal difundido em meio à função torta de manipulável juiz de instrução. O clima sufocante impresso no filme é singular, e o impacto, seguro.

# 30MM

OS MELHORES DO MUNDO 30 ANOS

# SEXO

a comédia

TEATRO ROYAL TULIP  
18 E 19 DE JANEIRO  
SÁBADO ÀS 20H E DOMINGO ÀS 19H30

